

rúcula para a saúde, que eu produzo sem nenhum tipo de veneno, aí as pessoas começaram a comprar, conta. Hoje a rúcula é uma das hortaliças mais vendidas da agricultora. O que eu levo, eu vendo tudo, diz Detinha. Ela tem uma receita para a doença que dá na rúcula, usa 2 colheres de farinha de trigo para 2 litros de água e pulveriza a planta dia sim, dia não. Ela aprendeu essa receita em uma das formações do Programa P1+2. A agricultora participa da Comissão Municipal de Caraúbas e do Grupo de Mulheres e da rede de agricultoras e agricultores experimentadores do Coletivo ASA Cariri Oriental (CASACO).

O trabalho no sítio é dividido pelos três integrantes da família, eu estando em casa, faço de tudo um pouco, dou comida pras galinhas, cuido do roçado e da horta, conta Helder, filho do casal. O jovem terminou o ensino médio e já fez vários cursos técnicos, mas diz que não pensa em deixar o sítio. Tenho um sonho de cursar Biologia, espero reunir condições para custear meus estudos em breve. Mas meu maior sonho é um dia poder viver da música. Helder toca 9 instrumentos musicais, que aprendeu sozinho e vendo outras pessoas tocarem. Ele diz que como estava habituado a se mudar, não foi difícil a adaptação à vida no campo. O jovem gosta tanto do lugar onde mora que até compôs uma música inspirada no local.



Unida e disposta, a família segue o seu trabalho e faz planos de a partir de agora, com os novos reservatórios e a maior oferta de água, ampliar as plantações e também aumentar o galinheiro. Sofremos muito por aí, e foi nesse lugar seco, que ninguém dava nada por ele, que a nossa família encontrou a paz e a felicidade, conta emocionado José Carlos.

“Aqui nossa família encontrou a paz e a felicidade”: a experiência de Zé Carlos e Detinha

José Carlos de Brito e Josefa da Silva Lima, conhecida como Detinha, são casados há 28 anos e tem dois filhos, Kátia, de 27 anos e Helder, de 22 anos. Eles moram com o filho mais novo no Sítio Rezende, município de Caraúbas no Cariri Paraibano. A filha está casada e vive no Rio de Janeiro com o marido e três filhos. A propriedade tem 10 hectares e antes pertencia aos pais de Detinha, mas ela e o marido percorreram um longo caminho até chegarem ao local, que hoje se destaca como uma mancha verde no meio da paisagem seca.



Logo que se casaram, os dois foram morar no Sítio Cachoeirinha, em Caraúbas, na casa dos pais de José Carlos. Detinha conta que, pouco tempo depois, devido a algumas dificuldades, o marido teve que ir trabalhar no Estado do Rio de Janeiro, na cidade de Belfort Roxo, cuidando de uma fazenda. Nessa época, ela estava grávida de 7 meses da primeira filha. Quando a menina completou um mês, Detinha resolveu se juntar ao marido e foi viver em Belfort Roxo também. Só que lá não se deram muito bem, com um mês que eu cheguei a gente sofreu um assalto, levaram tudo, colocaram arma na nossa cabeça, uns 8 homens, foi uma aflição, conta Detinha. Eu só pensava na minha filha, lembra. Com 1 ano e 8 meses, teve outro assalto. Certo tempo depois, assassinaram a tiros o patrão dos dois, segundo eles, por disputas de terra. Foi a gota d'água para o casal ir embora de lá. Detinha então se empregou em uma casa e José Carlos foi trabalhar de vigilante em uma empresa, até então ainda não tinham onde morar e dormiam em seus empregos. Com o tempo, as coisas melhoraram e os dois conseguiram comprar um carro e uma casa na cidade de Duque de Caxias. Foi nessa época que nasceu o segundo filho, Helder.

A família morou no Rio por 18 anos, mas sempre alimentaram o sonho de voltar para a agricultura. Sempre tive a visão do Nordeste, eu dizia, um dia ainda volto! Lembra, seu José Carlos. O patrão dele dizia, vocês vão, aí quando acabarem todos os calangos,

vocês voltam, conta Detinha, sorrindo. Em 2007, depois de novos assaltos, cansados da violência da cidade grande, Detinha e José Carlos resolveram voltar para a Paraíba. A filha, já casada, ficou morando no Rio. Quando chegaram, passaram ainda 6 meses morando em Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco, e mais 8 meses em João Pessoa, até decidirem vir morar na terra onde vivem hoje, que estava praticamente abandonada.



Assim que chegaram, usaram as economias que tinham para reformar a casa, que estava quase caindo. Depois da casa, a primeira coisa que a gente fez foi procurar água, conta Detinha. O casal lembra que as únicas fontes de água eram um poço público com água salgada, que ficava a uns 500 metros da propriedade, e a metade de uma barragem antiga, que o riacho tinha levado. Seu José Carlos então logo pensou em um jeito de reformar a barragem. Eu não acreditava que ele ia conseguir, pois a gente não tinha dinheiro para pagar a ninguém pelo serviço, lembra Detinha, mas ele disse, quem vai construir sou eu e Deus, completa ela.

Detinha e José Carlos contam que no ano em que a barragem ficou pronta, não deu tempo de pegar água. Mas um tempo depois, numa época de seca grande, ela chegou para o marido e pediu para ele orar junto com ela e pedir chuva. A agricultora conta que nesse dia Deus mandou uma chuva bem grande, que encheu toda a barragem. Em agradecimento, Detinha podou na plantação de boldo, no quintal de casa, a palavra Jesus, que mantém até hoje.



Em 2010 a família conseguiu uma cisterna de beber pelo Projeto Cooperar do Governo do Estado. Em 2014, conquistaram a sua cisterna de produção do tipo enxurrada. De lá pra cá, a família só vem melhorando. Hoje eles têm roçados de macaxeira, feijão preto, carioca e macassa, milho jabatão, sorgo, jerimum, jiló, batata doce, batatinha, palma doce, palma orelha de elefante e fava branca. Plantam no arredor de casa as fruteiras: mamão, jaca, melancia, limão, laranja, caju, romã, seriguela,

acerola, goiaba, pinha, coco, maracujá, abacaxi e banana.

Detinha aprendeu a cobrir as frutas com sacos de nylon, a exemplo das goiabas, assim os passarinhos não atacam. Mas eu não boto em todos não, deixo algumas para os passarinhos comerem também, eles também tem direito, né? Brinca a agricultora. Na horta eles plantam couve, alface, pimentão, tomate, tomate cereja, rúcula, cebolinha, cebola, coentro, berinjela, manjeriço e abobrinha.



Detinha costuma usar cobertura morta para manter a umidade do solo. Eles tem ainda as medicinais: capim santo, boldo e hortelã da folha miúda. A família ainda cria 10 galinhas gogó de sola e 50 cabeças entre bodes e cabras. Algumas dessas são de leite, que a família usa para o consumo e para fazer queijo. As galinhas dão ovos, que são consumidos pela família e às vezes vendidos para fora. Elas são alimentadas com restos de comida e da horta, e com milho. Já os caprinos pastam na capoeira o ano todo e comem palma, bebem a água do poço.

A produção do sítio é para o consumo da família, mas Detinha vende o excedente de porta em porta em Caraúbas, ela leva a produção de moto e já tem uma clientela fixa. A agricultora conta que quando começou a vender, as pessoas não conheciam muito a rúcula, que ela aprendeu a plantar quando morou fora. Eu ia e voltava com o saco do mesmo jeito, cheio de rúcula, conta. Comecei a explicar pras pessoas os benefícios da